

DA PRODUÇÃO AO CONSUMO: APROPRIAÇÃO CRIATIVA E CULTURAL NA PAISAGEM

Renata Carrero Cardoso

Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFRGS

Mestra em Planejamento Urbano e Regional - UFRGS

E-mail: recarrero@gmail.com

Carolina Gallo Garcia

Graduação em Comunicação Social - PUCRS

Mestranda em Planejamento Urbano e Regional - UFRGS

E-mail: carolinagarcia3@gmail.com

RESUMO

Os movimentos urbanos de retomada de áreas centrais e pericentrais de grandes cidades, outrora abandonadas e negligenciadas tanto pelo mercado imobiliário como pelo poder público no decurso dos processos de desindustrialização operam, atualmente, a partir de mudanças valorativas, a instauração de novos referenciais estéticos, de estilos de vida e padrões familiares. A aceitabilidade de tais movimentos pelo *mainstream* produz novos conjuntos de valores sociais e culturais da cidade, que se refletem em mudanças paradigmáticas nas formas de consumo e de apropriação do espaço intraurbano, resultando em transformações significativas para a construção e percepção da paisagem. Jovens profissionais urbanos, categorizados sob o conceito da classe criativa, com frequência tomam a frente nos processos de ressignificação e legitimação simbólica de áreas industriais esvaziadas, o que evidencia a importância e o valor econômico de suas atividades na transição da era industrial para a era da economia do conhecimento, apoiados fortemente no desenvolvimento do setor de serviços e na demanda por produtos com alto teor simbólico e elevado valor econômico. Estabelecem-se assim, as bases para uma forma de intervenção no território impulsionada pelo capital cultural, capaz de promover a transformação radical de uma paisagem urbana de produção em uma paisagem de consumo. Neste trabalho, buscou-se verificar mudanças na paisagem e nas suas formas de fruição, colocadas em marcha no atual processo de requalificação do chamado Quarto Distrito da cidade de Porto Alegre a partir de uma análise do bairro Floresta. Ainda, buscou-se depreender em que medida as práticas criativas sobre determinada área detêm a capacidade de produzir novos valores sociais e econômicos a elementos constituidores da paisagem urbana.

48

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Pós-industrial. Capital simbólico. Classe Criativa.

FROM PRODUCTION TO CONSUMPTION: CREATIVE AND CULTURAL APPROPRIATION IN THE LANDSCAPE

ABSTRACT

The urban movements for recovery of central and pericentral areas of large cities, once abandoned and neglected by the real estate market and government in the course of de-industrialization processes operates currently from evaluative changes with the introduction of new aesthetic patterns, lifestyles and domesticity standards. The acceptability by mainstream classes produces new sets of social and cultural values of the city, which are reflected in paradigmatic changes in the forms of consumption and appropriation of intra-urban spaces, resulting in significant changes in the construction and perception of landscapes. Young urban professionals, categorized under the concept of the creative class often take front on reframing processes and symbolic legitimation of deflated industrial areas, which highlights the importance and the economic value of their activities

in the transition from the industrial era to the knowledge economy, strongly supported by the development of the service sector and the demand for products with highly symbolic content and highly economic value. They establish the basis for a form of intervention in the territory driven by cultural capital, capable of promoting radical transformation in the urban landscape of industrial production into a consuming landscape. In this work, we will seek to verify changes in the landscape and in their forms of enjoyment set in motion in the current upgrading process in the Fourth District of Porto Alegre from the analysis of the Floresta neighborhood. Still, he sought to deduce to what extent creative practices on a given territory hold the ability to produce new social and economic values in elements of the urban landscape.

KEYWORDS: Landscape. Post-industrial. Symbolic capital. Creative Class

INTRODUÇÃO

Os contínuos investimentos do poder público e capital privado na (re)ocupação de paisagens urbanas degradadas através de atividades vinculadas à cultura e a criatividade destacam-se em diversos discursos e suscitam discussões sobre as cidades contemporâneas ao redor do mundo. Por sua vez, as novas sociabilidades impressas nestas áreas nomeadas “criativas” conduzem ao debate questões de valorização do tecido urbano por meio de novas significações simbólicas propiciadas pelo acúmulo de capital cultural que se reflete, comumente, em valorização econômica e fundiária.

Em pesquisa sobre o SoHo de Nova Iorque, Zukin (1989) verificou o efeito da desindustrialização urbana na região, anteriormente ocupada por pequenas fábricas do setor têxtil, que resultou numa numerosa oferta de imóveis disponíveis no centro-sul da ilha de Manhattan. A área passou a ser ocupada por artistas, atraídos pela desvalorização fundiária, que transformavam os *lofts* fabris a partir de uma nova concepção de domesticidade: os ateliês residenciais, que rompiam a lógica suburbanizadora norte-americana de segregar o trabalho e a moradia.

Tal retomada do centro promoveu uma transformação na dinâmica urbana e, logo chamou a atenção por sua proposição de um novo estilo de vida permeado por uma estética artística. Os meios de comunicação de massa se posicionavam ativamente na disseminação de retóricas de “renovação” do bairro, que incentivavam a aceitação destes novos padrões de vida urbana fora dos subúrbios. Assim, a emergência dos novos conjuntos de valores sociais, estéticos e culturais resultaram não apenas na aceitação do *lifestyle* artístico nos híbridos *lofts*, mas também tornou-os desejados pela classe média nova-iorquina.

Tal cenário decorre em processos de assimilação de um novo padrão cultural promovido pela classe artística, e o efeito desta assimilação reflete-se diretamente na valorização fundiária, uma vez que a área passou a atrair também moradores da classe média, boutiques e restaurantes de alto padrão. A mercantilização destes novos padrões estéticos, oriundos da classe criativa

(FLORIDA, 2011 [2002]), marca um processo de transformação na paisagem urbana, evidenciando um compromisso histórico entre cultura e capital (ZUKIN, 1989).

O SoHo passou então a ser uma expressão da civilização pós-industrial: sua transformação de locus da produção em objeto de consumo cultural através da conversão das estruturas industriais para fins residenciais reflete, em termos espaciais, um novo terreno de disputas entre grupos sociais que concorriam por sua ocupação (ZUKIN, 1989). O caso descrito, pode-se afirmar, trata-se de um emblemático caso de gentrificação, termo cunhado nos anos 1960 pela socióloga britânica Ruth Glass, que se refere às transformações imobiliárias e de perfil social em determinados distritos de Londres e segue em uso para descrever processos de transformação na cidade quando certas áreas – sobretudo industriais, operárias, portos e centros históricos – enfrentam processos de reabilitação e valorização fundiária. Corroborando com a definição do fenômeno, Hamnett (1991) afirma que a gentrificação consiste em um fenômeno que é simultaneamente físico, econômico, social e cultural em que observa-se uma mudança não somente social, mas também material no estoque de moradias.

Mais recentemente, segundo Bidou-Zachariasen (2006), a literatura que se dedicou ao estudo deste fenômeno urbano pode ser compreendida a partir da organização segundo duas tendências, em que:

[...] uma parte opta por um quadro explicativo derivado do estrutural (peso econômico da promoção imobiliária, por exemplo, e o papel da *rent gap* ou "renda diferencial": Smith, 1979, 1982, 1987a e 1987b). Uma outra parte coloca o fenômeno em relação a uma estratégia de atores, mesmo de atores individuais (Ley, 1981 e 1986), correspondente a uma atração por modos de vida e de consumo que permitem habitar o centro da cidade. Mas todos que trataram da gentrificação a colocam também no contexto da transformação das formas familiares, [...] e de modo central - à ascensão das classes médias superiores [...]. (BIDOU- ZACHARIASEN, 2006, p. 23-24)

50

Considerando o conceito de gentrificação e o caso histórico do SoHo, que evidencia a relação entre expressões culturais e a valorização simbólica e fundiária de um bairro central, buscamos aqui compreender como a apropriação do bairro Floresta de Porto Alegre pela classe criativa¹ local está se produzindo, ao verificar diferentes percepções sobre a presumida “revitalização” dessa área. Entende-se que as práticas criativas proporcionam experiências físicas e sensoriais, que derivadas de uma imersão e comunhão cênicas, são capazes de reorientar ou recriar a paisagem enquanto construto e obra coletiva, contribuindo para a reapropriação de uma área urbana, trazendo assim desdobramentos não apenas espaciais, mas também sociais. Verifica-se uma

¹ O conceito de classe não é utilizado por Florida no sentido de propriedade, capital ou meios de produção, mas enquanto agrupamento de caráter identitário que tem por base principalmente o papel econômico desempenhado pelas pessoas que compõem o grupo. Os profissionais enquadrados nesta categoria pressupõem um alto nível de instrução e certo grau de autonomia para pensar por conta própria.

construção coletiva operacionalizada sobre refugos materiais do passado, que por sua vez são ressignificados pelas apropriações criativas. Revelar as nuances da paisagem que se desenha é um dos objetivos deste trabalho.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia, para compreender as percepções de mudança da paisagem em curso na área conhecida como Quarto Distrito², em Porto Alegre / RS, a pesquisa realizou o levantamento de dados secundários junto aos indicadores disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre tais como demografia, renda, escolarização e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) referentes ao bairro Floresta, onde há uma concentração de atividades econômicas criativas e culturais. Assim, buscou-se produzir um quadro socioeconômico inicial a fim de definir o estado da arte do bairro. Posteriormente, foi realizado um levantamento de bens imóveis inventariados pelo poder municipal a fim de verificar as edificações a serem preservadas no processo de retomada da região e suas formas de reinserção ou permanência na paisagem. Por fim, aplicou-se um questionário misto (GIL, 2008) em uma amostra de vinte entrevistados, sendo estes, moradores e frequentadores da área de estudo para que fosse possível compreender as mudanças na apreciação simbólica da área de estudo, tomando por base relatos e narrativas dos usuários. Desta maneira, tendo em vista as interações entre a sociedade e a paisagem, procurou-se elaborar um panorama sobre a influência do capital cultural e das práticas criativas na transformação da paisagem, na revalorização de áreas desindustrializadas e na reinserção do patrimônio histórico industrial nas dinâmicas produtivas urbanas.

51

CONCEITO DE PAISAGEM

Neste item abordaremos as bases epistêmicas que orientarão a forma de operacionalização do conceito de paisagem neste trabalho, tendo por objetivo a verificação das mudanças ocorridas na paisagem da área de estudo e nas suas formas de fruição, diante da presença de atividades econômicas ligadas aos setores criativo e cultural.

² O Quarto Distrito é uma nova demarcação dentro do município de Porto Alegre que resgata definições anteriores de seu planejamento territorial, como forma de delimitar uma área com características históricas, sociais e morfológicas semelhantes visando o planejamento estratégico. Hoje a cidade organiza-se principalmente por regiões de planejamento e bairros. A divisão da unidade administrativa do município de Porto Alegre em distritos permaneceu vigente até a década de 1950, quando então os 9 distritos que compunham o município passaram a ser desmembrados em bairros. A área, sob esta nomenclatura, aparece destacada nas estratégias de estruturação urbana, qualificação ambiental, promoção econômica e produção da cidade como local de revitalização urbana com reconversão econômica, definidas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre, e é composta por parte dos bairros Floresta, Humaitá, São Geraldo e Navegantes, conforme o artigo 83 do PDDUA. (2010).

A paisagem, conceito amplamente utilizado na Geografia e nas Artes, passa a integrar também outros campos teóricos, como o do Planejamento Urbano, enquanto um conceito que visa a análise e compreensão das complexas relações que se estabelecem entre o espaço geográfico e a sociedade que, simultaneamente, molda-o e é moldado por este. A paisagem, em sua origem conceitual, esteve fortemente vinculada à representação dos componentes físicos que se enquadravam dentro de uma determinada perspectiva. Portanto, esteve bastante vinculada à percepção visual, ao dado de realidade que se captava e visualizava imediatamente. Todavia, ela teve sua conceituação ampliada a partir da mudança do paradigma representacional, para a qual o movimento Impressionista teve papel fundamental, ao destacar através da pintura os diferentes jogos de luz, sombra, movimentos que conformam distintas formas de ver e representar paisagem. Em um sentido mais abstrato, Cosgrove (1998) contribui afirmando que “[a] paisagem, de fato, é uma *maneira de ver*, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma *cena*, em uma unidade visual.” (COSGROVE, 1998, p.98 - grifos do autor)

Foi na transição do século XIX para o século XX que ocorreu um rompimento da visão naturalista da paisagem para uma visão que concebe o papel fundamental do homem para a transformação da paisagem (ARAÚJO, 2009). No entanto, as concepções estatísticas e quantitativas que predominavam nos estudos da geografia até a década de 1970 mantinham a cultura como um elemento secundário aos estudos da paisagem. Neste sentido, destacamos a abordagem teórica desenvolvida pela geografia humanística que coloca “o conceito de paisagem enquanto espaço carregado de signos e rituais desenhados no lugar, isto é, no espaço do cotidiano dos grupos que interagem e transformam essa paisagem.” (*ibid*, p. 18). Entende-se que através de signos, ritualisticamente reproduzidos, as ideias abstratas adquirem certo grau de concretude, materializando discursos ou narrativas culturais capazes de reificar uma paisagem e assim, torná-la naturalizada.

Para Berque (1998) a paisagem é uma representação concreta do *sentido* que se estabelece na relação entre o espaço e a sociedade, sujeito coletivo (BERQUE, 1998, p.84). O *sentido*, culturalmente definido, e imputado a uma paisagem é o que torna a relação entre o sujeito coletivo e a paisagem, dialógica, fazendo-os simultaneamente autoproduzir-se e autoreproduzir-se (*ibid*, p.86), valendo-se para isso das formas de apreensão, das suas experiências com o mundo.

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo. (BERQUE, 1998, p.87)

Do fragmento acima, destacamos a posição do autor quanto à construção da paisagem a partir de formulações provenientes de um sujeito coletivo. Não é apenas o indivíduo, enquanto ser ontológico que a percebe e a constrói ou reconstrói, mas sim todo o peso das relações sociais que o condicionaram, situando-o culturalmente.

A abordagem de Cosgrove (1998), sobre o conceito de paisagem, coloca em questão a dimensão da multiculturalidade que caracteriza um local, “lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito” (COSGROVE, 1998, p.93). O autor coloca portanto o componente da cultura, entendida como qualquer transformação na natureza engendrada pela ação humana, como um elemento central para a leitura da paisagem. No mesmo patamar da cultura, situa as estratégias de poder como determinantes para uma leitura mais refinada da paisagem, uma vez que compreende que a maioria das pessoas vivem em sociedades que conservam algum grau de estrutura hierarquizada. É a partir desta perspectiva que propõe a identificação de grupos vinculados ao que chamou de culturas dominantes e culturas subdominantes ou alternativas.

A cultura dominante possui uma paisagem característica, tipificada - em dado aspecto, hegemônica -, cotidianamente reforçada e pode dar-se em relação a diversos aspectos, tais como classe, gênero, etnia, idade, religião. As culturas subdominantes ou alternativas, também podem ser divididas nos mesmos termos, porém subdivididas enquanto “residuais (que sobraram do passado), emergentes (que antecipam o futuro) e excluídas (que são ativa ou passivamente suprimidas) como as culturas do crime, drogas ou grupos religiosos marginais” (COSGROVE, 1998, p. 105). No entanto, o autor argumenta que a caracterização dominante ou subdominante de uma cultura está condicionado também a uma variável escalar “as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa.” (COSGROVE, 1998, p.116), logo sua configuração é, essencialmente, relacional.

Em Azevedo (2006), a paisagem aparece como “uma problemática de alteridade e subjetividade” (AZEVEDO, 2006, p.6) e como “uma ideia e uma experiência produzida criativamente pelo ser humano, sendo modelada por critérios culturais apreendidos. Estes critérios estão ligados à evolução da relação entre sujeito e objecto (sic), entre o ser humano e o ambiente físico” (*ibid.*, p.207). Para a autora, o conceito de paisagem desenvolveu-se como uma tecnologia capaz de permitir a organização da experiência humana com o outro e com o mundo. Os significados atribuídos a uma certa ideia de paisagem encontram sentido a partir da experiência e

constituição cultural do observador, e induzem a um específico modo de ver, de sentir, de experienciar essa paisagem, esteticamente valorada por aquele que a percebe enquanto tal.

Depreende-se daí a força dos aparatos cognitivos e culturais que organizam as formas de percepção da paisagem desde uma perspectiva experiencial, ao mesmo tempo individual e coletiva, onde elementos presentes em um determinado espaço topológico são destacados ou eclipsados conforme valorações psíquicas subjetivas ou, ao contrário, conforme critérios racionalmente eleitos. No embate entre as múltiplas culturas, os valores subjetivos apreendidos e os racionalmente representados, são articulados de forma a construir uma determinada narrativa que se pretende legitimar e difundir, através de uma paisagem instituída desde o campo da memória e do imaginário, constituindo relações de pertencimento ou exclusão.

DA PAISAGEM DE PRODUÇÃO À PAISAGEM DE CONSUMO

O processo de transição de um sistema econômico tradicionalmente industrial para uma organização produtiva baseada em serviços e conhecimento tem se refletido em mudanças na dinâmica de produção do espaço urbano. A cada mudança dos referenciais técnicos da sociedade, novas formas de relação com o espaço urbano são instituídas. Dentro das lógicas de investimento e desinvestimento econômico, determinados locais podem vir a se tornar marginais às dinâmicas da produção, e também potencialmente marginais às dinâmicas urbanas. No entanto, esse mesmo local pode adquirir status de local candidato ao reinvestimento a partir de novos sistemas de produção ou de sistemas de preferências nascidos no seio de uma sociedade. Não há um ponto de reconversão entre os distintos sistemas que os demarquem nitidamente na paisagem, há uma lenta transição que pode ser lida através da coexistência de distintas estruturas e formas de organização espacial.

Nas sociedades que experimentaram a passagem da era moderna para a pós-moderna, o lugar como lócus de produção cedeu espaço ao lugar como lócus de consumo (ZUKIN, 2000), valendo-se de prerrogativas culturais, de sistemas de preferências valorados pelo mercado. Nesta transição, tem papel fundamental a “forma da arquitetura de fantasia que age literalmente como um palco para o consumo” (ZUKIN, 2000, p. 91), um consumo visual atuando dialeticamente na reprodução de paisagens imagéticas. “Nessas imagens, consumimos o que imaginamos e imaginamos o que consumimos.” (ZUKIN, 2000, p. 101) através de cenários que criam um sentido de lugar com identidades socioespaciais vinculadas a formas de consumo do e no espaço.

Estudos de consumo de cultura (FEATHERSTONE *apud* RUPERT, 2006; SCOTT, 2001) demonstraram que o crescente valor simbólico de produtos se fez sentir no incremento de

economias locais, resultando em uma convergência entre o desenvolvimento cultural e econômico, uma vez que quase toda a produção de bens de consumo atual está engajada no desenvolvimento de atributos subjetivos. Isto resulta, na era da economia do conhecimento, na proliferação de empresas pertencentes às chamadas indústrias criativas composta por negócios relacionados à moda, design, audiovisual, artes visuais, museus, espaços culturais, ao turismo cultural e áreas afins. Dadas suas características particulares, estes setores demandam novas formas de relação com o espaço urbano, dando origem a novos arranjos técnicos e espaciais construídos sobre bases de paisagens residuais de tempos pretéritos, orquestrando novas formulações da paisagem.

RESÍDUOS NA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NA ERA DA ECONOMIA DO CONHECIMENTO

Segundo Choay (2006 [1992]), um sistema solidário de pensamento e valores quanto à "identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão do patrimônio cultural" (CHOAY, 2006 [1992], p.208) foi universalizado a partir da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, da Assembleia Geral da Unesco, ocorrida em 1972, que estabeleceu o conceito de patrimônio cultural com base no conceito de monumento histórico (monumentos, conjuntos de edifícios, sítios arqueológicos) e no seu valor "excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência".³ Seguindo-se a este movimento, foi imposta "uma *expansão tipológica* do patrimônio histórico" (*ibid.*, p.209 - grifos da autora) que passa a abarcar elementos representativos do progresso técnico e das mudanças estruturais dos modos de produção econômico, pautados na identificação do valor simbólico, afetivo, documental de determinado período de desenvolvimento da civilização. Desta forma, os vestígios materiais deixados pelas indústrias passam a integrar as políticas de salvaguarda patrimonial.

Em 2003, a carta de Nizhny Tagil, elaborada pelo *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH), reitera que "os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental." (TICCIH, 2003, p.2) A carta manifesta diversas justificativas para a preservação, uso e benefício do patrimônio industrial para o presente e o futuro, dentre os quais destaca-se:

³ Cf. UNESCO (1983), *apud* Choay (2006 [1992]).

O patrimônio industrial reveste um valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o patrimônio industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitetura, do seu design ou da sua concepção. (TICCIH, 2003, p.3)

A defesa e proteção do legado industrial justifica-se para além de seu caráter meramente material, seja ele tecnológico ou estético. Parte de seu valor recai sobre a memória cultural, relacionada às estruturas sociais que estavam associadas às tipologias construtivas ou aos arranjos organizacionais próprios de um estágio ímpar do progresso socioeconômico de uma comunidade.

A valorização da herança industrial foi potencializada em parte porque seus "edifícios isolados, em geral de construção sólida, sóbria e de manutenção fácil, são facilmente adaptáveis às normas de utilização atuais e se prestam a múltiplos usos, públicos e privados." (CHOAY, 2006 [1992], p.219), possibilitando uma reconversão de edifícios tanto favorável à conservação histórica quanto à economia logística. Este pensamento conjugado às dinâmicas fundiárias próprias das cidades contemporâneas, muitas vezes subjugada à influência e ação do capital econômico e especulativo, trouxe à tona um fenômeno que vem ao encontro dos debates técnicos que pretendem encontrar uma solução para o problema crônico e recorrente nas cidades que experimentaram um passado de desenvolvimento atrelado à produção industrial, através da refuncionalização das estruturas edificadas e da reconversão econômica de áreas abandonadas.

Nas décadas de 1980 e 1990, a institucionalização deste fenômeno já era sentida em algumas cidades, sobretudo dos países desenvolvidos, e valia-se de iniciativas mais ou menos espontâneas advindas de grupos sociais específicos, notadamente jovens artistas e intelectuais, que atraídos pelas características tipológicas das edificações disponíveis do período industrial e pela morfologia dos espaços urbanos nos quais elas estavam inseridas, acabavam ocupando-as devido à flexibilidade que essas edificações pareciam proporcionar - elas possuíam características que casavam perfeitamente com seus estilos de vida e também com as atividades criativas desempenhadas -, e além disso, ofereciam grandes vantagens econômicas, devido ao custo relativamente baixo imputado a elas, fruto de uma trajetória de abandono e degradação. Este movimento, que combinava alto capital cultural e inicialmente baixo capital econômico, acabava originando novas formas de apropriação, sobretudo pela presença de capital cultural, que favoreciam a reintegração dessas áreas às dinâmicas econômicas de produção e consumo no período pós-industrial, e assim potencializava os índices de capital econômico circulante.

AS POSSIBILIDADES DA PAISAGEM NO QUARTO DISTRITO

O lócus definido para este estudo encontra-se no município de Porto Alegre, em uma área que, em anos recentes, passou a abrigar diversos empreendimentos ligados aos setores culturais e criativos e em torno do qual emerge um discurso proveniente de iniciativas tanto civis quanto governamentais que visam instituí-lo enquanto distrito criativo. As análises aqui operadas recairão sobre as imediações da Associação Cultural Vila Flores⁴, por entendermos que esta tem atuado como um catalisador das atividades culturais e criativas na região, contribuindo para a transformação da concepção de paisagem no seu entorno imediato. Define-se como recorte espacial o quadrante conformado pelas Av. Farrapos, Rua Sete de Abril, Av. Cristóvão Colombo e Rua Gaspar Martins, conforme Figura 1.

Figura 1- Delimitação área de estudo.



Fonte: Elaboração das autoras sobre base do Google Earth.

Em termos locacionais, a área estudada integra a área conhecida como Quarto Distrito e, mais precisamente, o bairro Floresta. Em termos práticos, trata-se de uma área intra-urbana pericentral, logo, bastante próxima do centro cultural, administrativo e comercial da cidade e privilegiada em termos de acessibilidade, uma vez que a proximidade com a rodoviária, com o porto e com o aeroporto permite fácil conexão com as mais diversas localidades, sejam elas

⁴ Associação sem fins lucrativos, formalizada em 2014. Atua na gestão do espaço e da programação cultural do complexo arquitetônico Vila Flores e na articulação de parcerias entre poder público, iniciativa privada e sociedade civil.

regionais, nacionais ou internacionais, conectando a localidade aos circuitos econômicos globais. Todavia, a área apresenta algumas peculiaridades pois é adjacente ao bairro Moinhos de Vento, um dos bairros de maior valorização fundiária e de uso misto, residencial, comercial e de serviços, cujo IDHM é superior à média municipal, e também adjacente à região de pior IDHM, o Loteamento Santa Terezinha, cujo IDHM corresponde à cerca de metade do bairro Moinhos de Vento, relação evidenciada na Tabela 1.

Tabela 1- IDHM. Elaboração das autoras.

Ano	Porto Alegre	Floresta	Moinhos de Vento	Lot. Santa Terezinha
2010	0,805	0,835	0,958	0,482

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, 2013.

A área pertence a uma região que historicamente desenvolveu-se na esteira de uma forte industrialização do município, quando então Porto Alegre era uma das cidades mais industrializadas do Brasil. No entanto, como em muitas cidades do mundo, a região acabou sofrendo um processo de desindustrialização, pois teve sua dinâmica urbana alterada em decorrência de diversos fatores, como por exemplo a grande enchente que atingiu a região em 1941⁵, mas principalmente em decorrência das políticas públicas, fiscais e urbanas, que fizeram com que as indústrias migrassem para regiões periféricas, que naquele momento ofereciam maiores vantagens econômicas e/ou logísticas.

As legislações urbanísticas, em especial a Lei nº 2046, de 1959, e o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), de 1979, atuaram de maneira determinante para a alteração da dinâmica urbana da região ao instituí-la como zona de uso predominantemente industrial, numa tentativa de fixar as indústrias no município ao mesmo tempo que visava reforçar a sua vocação industrial. As decorrentes restrições impostas para o uso residencial tiveram por efeito colateral o esvaziamento da região. A inobservância governamental com as particularidades e dinâmicas da

⁵ A enchente ocorrida entre os meses de abril e maio de 1941 se constitui em um dos eventos mais traumáticos experienciados pela cidade de Porto Alegre e sua população, conforme relatado por Guimaraens (2009): “Primeiro veio a chuva. Depois, a fúria dos rios, que violou domicílios e estabelecimentos. Uma enchente de 22 dias quebrou a rotina da cidade de forma violenta, espalhando pânico e desespero. Cerca de 70 mil pessoas deixaram suas casas. Muitas tiveram que começar do zero. Mais de 600 mil empresas demoraram meses para reabrir. Muitas não conseguiram”. Trinta anos mais tarde, este trauma justificaria a construção do muro do Cais Mauá que separa Porto Alegre e sua população do contato com o Rio Guaíba na área central da cidade.

região, e o descompasso do planejamento urbano em acompanhar as demandas da indústria em processo de transformação tecnológica, aliados ao desinteresse de investimento por parte do capital privado, contribuíram para a conformação de uma paisagem edificada residual, composta por um patrimônio edificado subutilizado, abandonado e em decadência, dando origem a um cenário que passou a comportar índices de violência, de prostituição, de consumo e tráfico de drogas.

Em termos demográficos, conforme observa-se na Tabela 2, o bairro Floresta obteve um acréscimo populacional de 3,68% entre os anos 2000 e 2010, em um movimento contrário ao ocorrido entre os anos de 1991 e 2000 onde sofrera um decréscimo populacional numa taxa negativa de 5,7% ao ano⁶. Observa-se ainda que o aumento populacional verificado no bairro entre os anos 2000 e 2010, deu-se apenas nas faixas etárias compreendidas pelos jovens, adultos e idosos. Os índices de crescimento entre crianças e primeira infância, foram negativos, seguindo a tendência de crescimento negativo para estas faixas etárias no município.⁷

Tabela 2- População total (habitantes).

Ano	Porto Alegre	Floresta
2000	1.360.590	15.493
2010	1.409.351	16.085

Elaboração das autoras. Fonte: ObservaPoa.

O rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio, conforme tabela 3, diminuiu 52,83%, superior à queda no rendimento médio no município de Porto Alegre, que foi de 46,73% para o mesmo período compreendido entre os anos 2000 e 2010.⁸

⁶ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/censos_de_80_90_e_2000.pdf>. Acesso em 07 ago. 2017

⁷ Observa-se também que em dezembro de 2015 foi aprovada a lei que redefine os limites de alguns bairros porto alegrenses, dentre os quais encontra-se o bairro Floresta: uma parte de seu território a sul da Av. Cristóvão Colombo foi anexada ao bairro Moinhos de Vento, ao passo que a região a norte da Av. Farrapos, incluso o Loteamento Santa Terezinha, foram anexados ao bairro Floresta. Tal delimitação certamente acarretará em modificações futuras nos dados secundários aqui apresentados.

⁸ Vale ressaltar que tal queda na quantidade de salários mínimos tanto na cidade quanto no bairro se deve, sobretudo, ao fato de que o valor em 2000 era referente a R\$ 151,00 e em 2010, R\$ 510,00 mensais, evidenciando que o valor diário de remuneração do primeiro consistia em R\$ 5,03 e do segundo, R\$ 17,00 (DIEESE). Todavia, ainda é significativa a queda do rendimento médio no bairro Floresta em relação à média da cidade, uma vez que costumava ser consideravelmente superior, evidenciando relativo empobrecimento do bairro.

Tabela 3 - Rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio, em salários mínimos.

Ano	Porto Alegre	Floresta
2000	9,93	12,64
2010	5,29	5,96

Elaboração das autoras. Fonte: ObservaPoa.

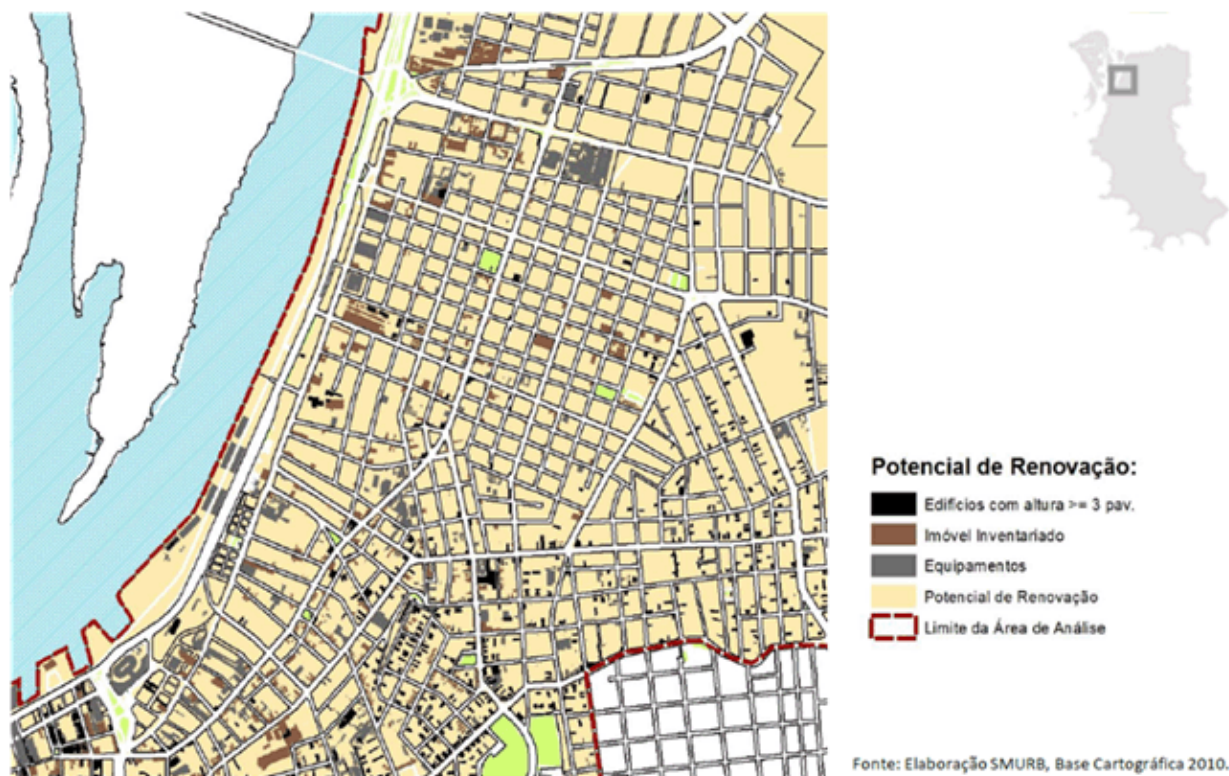
Como resquício do período de forte industrialização, a região do Quarto Distrito conta com 526 bens imóveis inventariados como de estruturação, 392 como de compatibilização e 7 imóveis tombados⁹, configurando as bases morfológicas da paisagem na atualidade. Especificamente no quadrante delimitado para este estudo, encontram-se 140 bens imóveis inventariados, sendo que nenhum destes é tombado, mas 74 são de estruturação e 66 de compatibilização, representando cerca de 45% dos lotes que delimitam ambos os lados dos logradouros incluídos no quadrante destacado, demonstrando que existe uma possibilidade latente de modificação dos componentes estéticos da paisagem local.

Recentemente, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre realizou a contratação de uma consultoria para realizar o *Masterplan* que deveria estabelecer as diretrizes para a qualificação integrada e progressiva do Quarto Distrito, e ser elaborado a partir de três eixos estratégicos: ambiental, social e econômico. Através do plano de revitalização contratado pela municipalidade deveria ser possível: disciplinar e melhorar o uso e a ocupação do espaço público; reestruturar a mobilidade; valorizar e viabilizar o patrimônio histórico e cultural; reverter a imagem de deterioração e abandono; melhorar a segurança e a imagem de segurança e fomentar atividades culturais, de lazer, educação e de turismo (PORTO ALEGRE, 2015).

Na oportunidade do anúncio do convênio que foi firmado entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi apresentado pelos técnicos da prefeitura o mapa da Figura 2 com o potencial de renovação da área que deveria ser contemplada pelo *Masterplan*.

⁹ Imóveis tombados devem ter suas características internas e externas originais preservadas. Os imóveis de estruturação devem ter suas características externas preservadas. Já os imóveis de compatibilização podem ser substituídos por novas construções desde que se mantenha a mesma volumetria.

Figura 2 - Potencial de renovação do Quarto Distrito. Captura de tela do documento "Revitalização Urbana e reconversão econômica do 4º distrito".



Fonte: SMURB, 2015.

Observa-se, com o auxílio do mapa, que apenas não foram considerados para a renovação os equipamentos urbanos, os imóveis inventariados e os edifícios com altura igual ou superior a três pavimentos. Na prática, entende-se que o mapeamento realizado pela PMPA informa a disponibilidade de terras para a construção de novos empreendimentos, deixando claro que não se trata de uma requalificação das estruturas existentes, uma vez que a referência utilizada para a definição do potencial de renovação é um critério de altura e não de estado de conservação das edificações ou das possibilidades de readequação a novas funções, por exemplo.

ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa de campo foi realizada em três datas e localidades diferentes: a Feira Modelo do bairro, localizada na Praça Bartolomeu de Gusmão¹⁰, que ocorre todas as terças-feiras à tarde; na Associação Cultural Vila Flores, localizado na esquina da Rua São Carlos com a Rua Hoffman e uma visita a estabelecimentos diversos no entorno da Rua São Carlos. Foram aplicados 20

¹⁰ Também conhecida por Praça Florida.

questionários mistos, sendo 10 na Vila Flores e 10 no entorno da Associação. Deste universo, a amostra identificou 6 residentes do bairro (30%) e 14 (70%) não-residentes.

A amostra contou com 8 (40%) respondentes do sexo masculino e 12 (60%) respondentes do sexo feminino. Em relação à faixa etária, a amostra obteve heterogeneidade: 25% entre 19-30 anos, 30% entre 31 e 40 anos, 20% entre 41 e 50 anos e 25% acima de 51 anos. Igualmente, em relação ao nível de escolarização da amostra, 10% dispunha de Ensino Fundamental, 20% de Nível Médio, 15% de ensino superior incompleto, 30% de ensino superior completo e 25% pós-graduação. Vale ressaltar que foi percebido um elevado grau de escolarização dentre os visitantes da Vila Flores em comparação aos entrevistados em seu entorno. Superior também ao tempo médio de escolarização dos responsáveis por domicílios residentes do bairro que no ano de 2010 era de 10,97 anos¹¹, ou o equivalente ao ensino médio completo, aproximadamente.

Quanto às finalidades de uso do bairro¹², 12 entrevistados trabalham no bairro, 11 o utilizam principalmente como destino de lazer e atividades culturais, 6 são residentes e apenas 2 entrevistados utilizam o bairro como destino de compras/consumo. Em relação aos lugares frequentados no bairro¹³, a Vila Flores se destacou como destino de 10 entrevistados, seguido pela Feira Modelo (8), o supermercado da rede Zaffari (7), o Shopping Total (6) e a Casa Cultural Tony Petzhold (2). Em menor número, também foram mencionados uma vez cada um dos seguintes estabelecimentos: bar, restaurantes, ferragens, curso de literatura, escola de flamenco, farmácia, entre outros. Tais dados evidenciam a multiplicidade de serviços e comércio presente no bairro, mas vale destacar que a maior parte dos entrevistados são, principalmente, frequentadores dos lócus onde se deram as entrevistas: a Feira e a Vila Flores.

A seguir, buscou-se construir tipologias da paisagem, onde a amostra deveria classificar o perfil do bairro. A tabela abaixo evidencia as características percebidas. Os entrevistados podiam marcar múltiplas respostas.

¹¹ Cf. Observa Poa.

¹² Questão com mais de uma opção de resposta.

¹³ Pergunta aberta aos entrevistados.

Gráfico 1 - Percepção do bairro.



Fonte: Elaboração das autoras, 2016.

A partir do gráfico, pode-se inferir que as principais características apresentadas são “comercial” e “histórico”, aparecendo com maior unanimidade entre os entrevistados. Em seguida, “residencial”, “bairro de serviços” aparecem também definindo os usos percebidos pelos usuários do espaço. No item “outros”, foram mencionados “empreendedor”, “carece de segurança pública”, “movimentação cultural”, “ambiente de vizinhança”, “familiar, apesar da prostituição”.

Em relação a atribuições mais subjetivas, a característica “acolhedor” se destacou entre 70% dos entrevistados, enquanto “hostil” foi mencionado por apenas cinco entrevistados, tanto residentes e visitantes. Tal dado parece contrastar com a percepção de “seguro” (3 respostas) e “inseguro” (13 respostas). Neste ponto, vale ressaltar que alguns entrevistados mencionaram quais consideram os problemas de segurança do bairro: assaltos, muitos usuários de drogas e o aumento da “chinagem” nas palavras de um entrevistado aposentado residente do Albergue Municipal do bairro há 12 anos. Alguns entrevistados atribuíram a insegurança à cidade de Porto Alegre, para além de uma problemática específica do Floresta. Nenhum entrevistado relatou experiência pessoal de assalto ou violência.

As transformações percebidas no bairro constituíram a pergunta central do estudo: 11 (55%) afirmam que o bairro melhorou, 4 (20%) consideram que piorou e 5 (25%) não percebem

transformações na região. Quando solicitados a explicar suas respostas, aqueles que verificam pioras mencionaram o aumento de moradores de rua, pedintes, usuários de crack, ocorrências de violência e assaltos diários.

Uma entrevistada vê o bairro “em processo de revitalização e melhorando muito”, diz já estar “acostumada” com o visual do bairro. Em contrapartida, sua irmã visitou a Vila Flores uma única vez e teve a percepção de um bairro degradado, no qual “não moraria”. Na fala da entrevistada, verificamos que uma determinada assimilação estética e afetiva entrou em ação em sua percepção que é oposta à da irmã. A entrevistada acha o bairro acolhedor e consegue vê-lo em transição a partir do ambiente de criatividade com o qual convive.

Muitas destas melhorias são atribuídas a dois novos empreendimentos: a Vila Flores e Hostel Boutique¹⁴, também localizado na mesma rua. O hostel, em atividade há cinco anos, promoveu a iluminação pública na rua e a revitalização da praça, sendo um agente reconhecido pela Associação de Moradores do Bairro Floresta por sua atividade. Dentre as melhorias, também foram lembradas: a iluminação pública, a diminuição da prostituição na Rua São Carlos, e o fato do bairro estar “mais movimentado”, estar “em revitalização”, segundo palavras dos entrevistados.

Figura 3- Conjunto arquitetônico sede da Associação Cultural Vila Flores. Localizado na Rua Hoffman, esquina com a Rua São Carlos. Imóvel inventariado como de estruturação.



Fonte: Acervo particular, 2015

¹⁴ Localizado na Rua São Carlos, nº 545. Imóvel inventariado como de estruturação.

Observa-se ainda, de acordo com uma funcionária da Associação Cultural Vila Flores, que a interface com a vizinhança e comunidade local ainda é pouco expressiva, estes constituindo cerca de 10% dos visitantes do espaço.

Quanto à reinserção do patrimônio histórico industrial nas dinâmicas de produção urbanas contemporâneas, podemos afirmar que ocorre ainda de forma bastante embrionária, uma vez que a pesquisa identificou apenas três casos em que imóveis inventariados estão sendo utilizados para fins econômicos criativos ou culturais. São os casos da Vila Flores e do Hostel Boutique, ambos os conjuntos arquitetônicos inventariados como de estruturação, e o imóvel situado na Rua Gaspar Martins nº 549, inventariado como de compatibilização utilizado por um escritório de Arquitetura.

Figura 4 - Imóvel inventariado como de compatibilização. Localizado na Rua Gaspar Martins, nº 549.



Fonte: Acervo particular, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou explorar de que forma a paisagem do Quarto Distrito, especificamente o entorno da Associação Cultural Vila Flores, está sendo (re)produzida pelo discurso da criatividade instaurada a partir da presença e das atividades promovidas por este centro cultural e colaborativo. Pôde-se inferir que há novas formas de apropriação e uso, sobretudo da própria Associação, por grupos externos, residentes de outras regiões da cidade.

Percebe-se, dentre os frequentadores, novas relações afetivas com a Vila Flores que, todavia, pouco transbordam para o bairro. Há, de fato, uma transformação social na circulação de novos perfis socioeconômicos, de alta escolaridade relacionado a atividades culturais e novos empreendimentos ligados à economia criativa em alguns pontos-chaves do bairro, sobretudo casas colaborativas e centros como a Vila Flores, a Casa Tony Petzhold, Galpão Makers, entre outros, todavia a relação de muitos moradores do bairro com esses empreendimentos restringe-se a percepção de que algo está se movimentando, ainda que sejam mudanças incipientes. Quanto à transformação das características do entorno analisado, ainda não é possível verificar mudanças representativas, embora a visita ao campo tenha revelado a apropriação de uma edificação de valor patrimonial pela construtora e incorporadora Ivo Rizzo, conforme Figura 5, para a construção de uma edificação de uso comercial.

Figura 5 - Moinho da fronteira LTDA, localizado na Rua Sete de Abril nº 404. Imóvel inventariado como de estruturação.



Fonte: Acervo particular, 2016.

Todavia, através de práticas de apropriação cultural, do incremento de formas e espaços de expressão da cultura e de empreendimentos criativos, tem-se estabelecido recodificações nos signos presentes na área estudada, produzindo-se subjetividades que corroboram a ideologia hegemônica desenvolvimentista de progresso capaz de solapar a paisagem pré-existente, não necessariamente no plano físico, mas também em novas acepções estéticas e de perfis socioeconômicos. Neste caso, os instrumentos e políticas públicas de fomento aos setores criativos e culturais possibilitam a (re)produção do espaço de acordo com os imperativos preconizados pelo capital econômico, e pelo

desejo de reinserção da área às dinâmicas do mercado de terras. Para conquistar a possibilidade da (re)produção do espaço, no caso analisado, a ênfase na paisagem cultural e criativa do Quarto Distrito é o que vai possibilitar o fomento das duas variáveis que orientam a formação do mercado: consumo e produção.

Verifica-se até o momento, um movimento estratégico do poder público de revitalizar a região por meio de incentivo à entrada do capital cultural e imobiliário, com forte argumento de preservação patrimonial mas que carece de políticas públicas incisivas para a real inclusão das culturas residuais e excluídas presentes na área estudada. Iniciativas como o *Masterplan* acima mencionado, planos de isenção fiscal e liberação de imóveis de valor patrimonial para a instalação de empreendimentos oriundos das indústrias criativas, são alguns exemplos do papel estratégico que o poder público assume na revitalização do distrito.

Encontramos, através deste estudo, mais um caso onde a estética tem atuado como campo de regulamentação e manipulação de códigos simbólicos que se ligam às aspirações das culturas dominantes. Em diversas falas, sobretudo dos visitantes dos equipamentos culturais e de lazer da região, verificou-se a assimilação de códigos que permitem-nos vislumbrar as antigas edificações associadas ao patrimônio industrial como um cenário para as novas práticas culturais da cidade. De modo semelhante ao caso do SoHo trazido no começo deste trabalho, verificou-se uma reconfiguração da percepção desta paisagem, a partir da transfiguração dos códigos visuais associados ao industrialismo; uma certa estetização da paisagem industrial, integrada ao estilo de vida de uma classe criativa influenciada por parâmetros globais de “cidades criativas”.

Mais ainda, percebe-se como determinados atributos da área estão sendo amplamente celebrados pelos agentes públicos e privados, cujas retóricas de “renovação” e “revitalização” favorecem a normatização destes novos padrões estéticos. A imagem do bairro, sobretudo nos meios de comunicação, parece transcender os estigmas negativos associados a este espaço para suscitar amplo interesse da classe média e do Estado. Assim, é possível afirmar que o local atravessa um processo de ressignificação simbólica a partir de uma afirmação discursiva da revitalização, ainda que esta nem sempre possa ser vislumbrada em termos de melhorias sociais e materiais do bairro.

Assim, ainda que levando em conta as peculiaridades e idiossincrasias de cada contexto urbano, é possível associar o caso do Quarto Distrito com um fenômeno recorrente: as classes artísticas frequentemente tomaram a frente em processos de ressignificação e legitimação simbólica de áreas pós-industriais, o que corrobora ao reconhecimento do grande valor econômico de suas

atividades na transição da era industrial para a era da economia do conhecimento. Tal constatação pode ser remetida à ideia de cultura dominante de Cosgrove (1998), uma vez que os novos parâmetros da economia globalizada se expressam em paisagens hegemônicas alinhada às demandas do fluxo de capitais.

Desta forma, podemos afirmar que o processo de reconversão econômica que se pretende instituir na região do Quarto Distrito, passa pela produção de uma cultura da imagem que simbolicamente aumenta o apelo de certos lugares para determinados grupos sociais (RUPERT, 2006). Vale ressaltar que, esta constatação não significa rechaçar o procedimento de estetização ou tachá-lo de imediato como socialmente excludente, mas trata-se de, como defende Argan (1995), vicejar uma “refuncionalização mais orgânica” (ARGAN, 1995, p. 80) no processo de retomada de uma área histórica, a partir da compreensão de que ela pode ser formadora de tão variadas paisagens quanto variadas forem as formas culturais nela presentes. Conforme evidenciado pela pesquisa, observa-se na área de estudo, a coexistência de múltiplas paisagens, algumas vezes em consonância, por vezes tangenciando e em outras completamente à margem das narrativas construídas em torno de artifícios culturais e criativos que pretendem a imposição de uma paisagem desde uma perspectiva única.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. J. **Lapa carioca, uma (re)apropriação do lugar**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, 2009.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fonte, 1995.

AZEVEDO, A. F. **Geografia e cinema: Representações culturais de Espaço, Lugar e Paisagem na Cinematografia Portuguesa**. Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. Portugal, 2006.

BERQUE, A.. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BIDOU-ZACHARIASEN, C.. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas públicas de “revitalização” dos centros urbanos**. 1ª.ed. São Paulo: Annablume, 2006.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006 (1992).

DIEESE, Salário mínimo nacional. Disponível em:
<<http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>>. Acesso em 27 jun. 2017.

FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa**. Tradução Ana Luiza Lopes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011 [2002].

GUIMARAENS, R. **A enchente de 41**. 1ª ed. Porto Alegre: Libretos, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo: 2008.

HAMNETT, C.. **The blind men and the elephant: the explanation of gentrification**. Transactions of the Institute of British Geographers, New Series, v. 16, n. 2, p. 173-189, 1991.

OBSERVA POA. Observatório da cidade de Porto Alegre. Disponível em:
<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=26_10_150>. Acesso em 27 jun. 2017.

PDDUA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria do Planejamento Municipal. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental**. Porto Alegre, 2010.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Lei complementar nº 43 de 21 de julho de 1979**. Porto Alegre, 1979. Disponível em:
<<https://leismunicipais.com.br/RS/PORTO.ALEGRE/LEI-COMPLEMENTAR-43-1979-PORTO-ALEGRE-RS.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

_____. **Lei nº 2046 de 30 de dezembro de 1959**. Porto Alegre, 1959. Disponível em:
<<https://leismunicipais.com.br/RS/PORTO.ALEGRE/LEI-2046-1959-PORTO-ALEGRE-RS.pdf>>. Acesso em: 27 junho 2017.

_____. Secretaria do Planejamento Municipal. **Termo de referência para contratação de consultoria**. Grupo de Trabalho 4º distrito, 2015.

RUPERT, E. S. **The Moral Economy of Cities: shaping good citizens**. Toronto: University of Toronto Press, 2006

SCOTT, A. J. **The Cultural Economy of Cities**. London: Sage, 2000.

SMURB. Secretaria Municipal de Urbanismo. **Revitalização Urbana e reconversão econômica do 4º distrito. Apresentação do diagnóstico**. Porto Alegre, 18 de dezembro de 2015. Disponível em:
<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/4d1.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Nizhny Tagil, 2003.

ZUKIN, S.. **Loft Living: Culture and Capital in Urban Change**. Newark: Rutgers University Press, 1989

_____. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, A. A. (org). **O espaço da diferença**. Campinas, SP. Ed. Papirus, 2000.

Recebido em: 30/06/2017
Aceito em: 18/08/2017